



## Um olhar sobre a ficção e a realidade

Alexandre Santos

Comentário sobre a relação entre a ficção e a realidade.

Quando lancei 'O moinho', romance vencedor do cobiçado Prêmio Vânia Souto Carvalho, da Academia Pernambucana de Letras, ouvi muitos elogios, mas o que mais me marcou foi o do poeta Laudemiro Telino de Lacerda, que abriu um sorriso carinhoso e, simplesmente, disse: "Alexandre, você é o maior mentiroso que conheço!". Naquela situação, ele tinha razão, pois, afinal de contas, a teoria ensina que 'FICÇÃO' é o gênero literário das mentiras. Um gênero associado ao fantástico.

Para muitos, o nome diz tudo. A palavra latina 'Fictionem' significa o efeito de fingir, de simular. Ou, trocando em miúdos, 'Ficção' é a categoria literária das mentiras. Invenções verossímeis ou inverossímeis, conforme o tamanho da impostura, mas, sempre mentiras. E os romances, poemas, contos, novelas e fábulas são, automaticamente, perfilados no vasto reino dos fingimentos.

Com efeito, a arte de modo geral, incluindo a literatura, nunca se preocupou em descrever a realidade tal como o mundo a vê, mas em retratá-la como o artista a sente. Para Aristóteles, a arte literária é a arte que imita pela palavra. Nesta perspectiva, a função do artista não é retratar o que acontece, mas o que poderia ter acontecido e a obra de arte não precisa ser o retrato fiel da realidade, mas ter coerência que a faça assemelhar-se à verdade. Neste embalo, por toda a história, a arte é considerada o universo dos sonhos e a ficção literária, o gênero das mentiras.

Esta condição, claro, nem sempre é aceita pelos artistas. Em crítica sutil, o fenomenal Fernando Pessoa reagiu, esclarecendo na 'Autopsicografia' que "O poeta é um fingidor / Finge tão completamente / Que chega a fingir que é dor / A dor que deveras sente". A dor verdadeiramente sentida pelo artista parece fingida aos olhos do expectador apenas porque vem na carruagem da arte. No reino da mentira, a verdade parece mentira.

Mas o que é a mentira? O que é a verdade?

Estaria mentindo a pessoa que, sinceramente, chama de Ponte Velha a Ponte da Boa Vista, que lhe parece mais velha? Ou a pessoa que repassa como verdade informação inverídica recebida de alguém em que confia? Quem disse que o nome desta maravilhosa cidade é 'Recife' e, não 'Lisboa'? Uma convenção diz que o nome é Recife e, assim, chamá-la de Lisboa é inverdade. Historiadores afirmam que a fundação do Recife ocorreu por volta de 1536 – ano do calendário romano, reformulado por Gregório I em 1582. Se apontada em calendário islâmico, judeu ou chinês, a data da fundação do Recife seria outra. Estaria

faltando a verdade quem afirma que Recife foi fundado em 5.026? Em Gravatá, ao tempo que um recifense sente frio, um europeu pode sentir calor. Estará mentindo o recifense, que sente frio, ou o europeu, que sente calor? Estarão mentindo os livros de geografia e de história? Ou apenas refletem verdades e valores aceitos em determinada época por comunidades específicas. Nomes, datas, valores, sentimentos e aparências refletem opiniões e convenções, refletindo conceitos inconsistentes que podem mudar em função de referenciais e modas, nada significando em termos de verdade ou mentira.

Frase atribuída a Goebbels diz que "uma mentira dita mil vezes se transforma em verdade". Se uma mentira pode se transformar em verdade, o inverso também seria possível?

No segundo período da história do pensamento grego, no século IV a.C, também conhecido como o Período Antropológico pela importância que atribuiu ao homem e ao espírito inaugurando uma nova fase na história da compreensão dos fenômenos, Demócrito contestou Protágoras (defensor de que todas as sensações eram igualmente verdadeiras para o objeto sensível) e afirmou que todas as sensações são falsas, pois não têm contrapartida real fora do objeto sensível. Fundamentando os ensinamentos, Demócrito distinguiu aquilo que é 'Convenção' (nómos), ou seja, fruto de uma opinião e de um acordo entre os homens, daquilo que é 'Natureza' (phýsei).

"Por convenção – disse Demócrito –, há o doce, o amargo, o quente, o frio, a cor... as nossas sensações não representam nada de externo, apesar de serem causadas por algo fora de nós... Esta é a razão porque a mesma coisa às vezes dá a sensação de doce e às vezes de amargo... nós, na verdade, não conhecemos nada de certo, somente que as coisas mudam de acordo com a disposição do corpo e com aquilo que nele penetra ou lhe opõe resistência [por isso] não podemos conhecer a realidade, pois, a verdade jaz num abismo".

Com esta linha de pensamento, Demócrito foi o precursor da lógica dialética, retomada no século XVIII por Hegel, adotando ritmo ternário com duas teorias contrárias (tese e antítese) que se conciliam fundindo-se numa síntese superior. Demócrito, seus discípulos e adeptos, entre os quais Parmênides e Leucipo, foram pródigos em proclamar que não há verdade absoluta.

Sob este ponto de vista, o gênero 'Ficção' ganha outro sabor, pois mentira e verdade perdem a linha divisória rígida. Quais são os limites da verdade e da mentira? Para José Américo de Almeida, "há muitas formas de se dizer a verdade [e] talvez a mais persuasiva seja a que tem forma de mentira". Picasso afirmou que "a arte é uma mentira que revela a verdade". Afrânio Coutinho foi mais adiante e afirmou que "a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real... passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência da realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram [uma] outra, graças à imaginação do

artista". Desdenhando questiúnculas sobre verdades e mentiras, a arte faz sua própria realidade.

E aí, onde estará a mentira e a verdade? Será que existe uma verdade? Ou a realidade se reflete em múltiplas verdades ou, tomando seu inverso, em múltiplas mentiras?

O tema não é simples. Pouco se lixando para a questão da verdade, alguns chegam a questionar a própria realidade. Alguns cientistas modernos admitem a possibilidade de que a própria realidade não exista e – como no filme Matrix (1999), de Andy e Larry Wachowski – nossa existência seja apenas uma simulação de computador. Vale puxar do fundo do baú que, em 1868, Huxley comparou o mundo a um tabuleiro de xadrez e, associando as peças aos fenômenos do universo e as regras às leis da natureza, afirmou que "o jogador no outro lado está oculto a nós". Este modo de ver a existência humana fez muitos adeptos. Em fins dos anos 60, Zuse – cientista alemão responsável pela construção dos primeiros computadores eletromecânicos programáveis e que desenvolveu a primeira linguagem de alto-nível para computadores – sugeriu que o Universo faz parte de entranhas lógicas de um computador 'autômato celular', cujo conceito, criado nos anos 40 por John von Neumann, tem como base a idéia de sistemas lógicos auto-reprodutores, que, assim, imitam a própria vida.

Para os que questionam a realidade não há sentido falar em verdade e ficção, mas, graças a Deus, o mundo existe e há uma realidade.

Essa realidade, no entanto, não obedece, com querem alguns, a padrões rígidos. Pelo contrário. A realidade varia de acordo com as pessoas, as convenções, as épocas e lugares. Não há um reino da ficção e um reino das verdades. Ficção e verdade ocupam o mesmo reino. Alimentam e se alimentam da sensibilidade e do imaginário das pessoas.

Nesta perspectiva, o gênero Ficção deixa de ser o campo das invencionices e passa a ser um território amplo, que inclui sentimentos individuais e coletivos sobre experiências e realidades de cada um, manifestando, eventualmente, aspectos especialíssimos de verdades não reveladas ou proscritas do imaginário de alguns. Neste novo ambiente, estórias são histórias e as histórias são estórias; enredos são roteiros de vida e vice-versa; protagonistas se transmudam em antagonistas conforme a vida a ser vivida. A Ficção passa, então, a ser o campo da arte fantástica derramada em diferentes estilos sobre estórias, que, no fundo, são histórias de diferentes épocas embaladas por sentimentos e modos de ver o mundo peculiares.

(\*) Alexandre Santos é presidente da Academia de Letras e Artes do Nordeste e vice-presidente da União Brasileira de Escritores – Secção de Pernambuco (UBE-PE).